

**“PARECE QUE É NORMAL CONVIVER COM UMA PESSOA QUE TEM HIV”: DISCURSOS DE PROFESSORAS DA ÁREA DE CIÊNCIAS NATURAIS SOBRE AS RELAÇÕES AFETIVO-SEXUAIS ENTRE CASAIS SORODISCORDANTES**

**“IT SEEMS THAT IT IS NORMAL TO LIVE WITH A PERSON WHO HAS HIV”: DISCOURSES FROM NATURAL SCIENCES TEACHERS ABOUT AFFECTIVE SEXUAL RELATIONS AMONG SERODISCORDANT COUPLES**

**“PARECE QUE ES NORMAL VIVIR CON UNA PERSONA QUE TIENE VIH”: DISCURSOS DE PROFESORES DE CIENCIAS NATURALES SOBRE LAS RELACIONES AFECTIVO-SEXUAL EN PAREJAS SERODISCORDANTES**

*Laís Machado de Souza<sup>1</sup>; Marcos Lopes de Souza<sup>2</sup>*

**Resumo**

O objetivo desse estudo foi analisar os discursos sobre as relações afetivo-sexuais entre sorodiscordantes construídos durante processo formativo docente envolvendo as questões de sexualidade e saúde. Trata-se de uma pesquisa inspirada nos estudos pós-críticos e pós-estruturalistas em que utilizamos artefatos culturais como mediadores dos espaços formativos realizados com professoras da área de Ciências Naturais, que lecionam a disciplina Educação para Sexualidade em uma escola na cidade de Jequié-BA. Há uma linha tênue entre ignorância, medo e discriminação nos discursos das professoras referentes às relações entre sorodiscordantes, mas também vislumbramos novas perspectivas de problematizações das práticas e discursos que [re]produzem uma cultura estigmatizadora daqueles(as) que vivem com HIV e de seus afetos e prazeres.

**Palavras-chave:** Sorodiscordância; Artefatos culturais; Educação para a Sexualidade; Formação de Professores.

**Abstract**

The aim of this study was to analyze the discourses on the affective-sexual relationships between serodiscordants built during the teacher training process involving issues of sexuality and health. It is a research inspired by post-critical and post-structuralist studies in which it uses cultural artifacts as mediators of training spaces carried out with teachers in the area of Natural Sciences, who teach the discipline Education for Sexuality in a school in the city of Jequié-BA. There is a fine line between ignorance, fear and discrimination in the teachers speeches regarding relationships between serodiscordants, but we also glimpse new perspectives of problematizing practices and discourses that [re]produce a stigmatizing culture from those living with HIV and of your affections and pleasures.

**Keywords:** Serodiscordancia; Cultural Artifacts; Education for Sexuality; Teacher Training.

---

<sup>1</sup> Mestrado em Educação Científica e Formação de Professores de Ciências e Matemática - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb). Jequié, BA - Brasil. Professora adjunta do Colegiado de Odontologia no Centro Universitário de Ciências e Tecnologia (UniFTC). de Jequié, BA - Brasil. **E-mail:** [laimachado18@gmail.com](mailto:laimachado18@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutor em Educação - Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). São Carlos, SP - Brasil. Professor titular - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, campus de Jequié, BA - Brasil **E-mail:** [markuslopessouza@gmail.com](mailto:markuslopessouza@gmail.com)



## Resumen

El objetivo de este estudio fue analizar los discursos sobre las relaciones afectivo-sexuales entre serodiscordantes construidos durante el proceso de formación docente que involucran temas de sexualidad y salud. Se trata de una investigación inspirada en estudios poscríticos y postestructuralistas en los que utilizamos artefactos culturales como mediadores de espacios de formación realizados con docentes en el campo de las Ciencias Naturales, quienes imparten la asignatura Educación para la Sexualidad en una escuela de la ciudad de Jequié. - BA. Existe una delgada línea entre el desconocimiento, el miedo y la discriminación en los discursos de los docentes sobre las relaciones entre serodiscordantes, pero también vemos nuevas perspectivas para problematizar las prácticas y discursos que [re] producen una cultura estigmatizante para quienes viven con el VIH y sus afectos y placeres.

**Palabras clave:** Serodiscordancia; Artefactos Culturales; Educación para La Sexualidad; Formación de Profesores.

\*\*\*

## 1 Introdução

Embora seja evidente a atuação de movimentos e atores educativos que buscam trabalhar a sexualidade na escola na perspectiva das diferenças, valorizando aspectos culturais, sociais e políticos na construção das identidades de gênero e sexuais e dos diferentes modos de viver e expressar as sexualidades, é necessário ponderar que o discurso biológico ainda ocupa um lugar de autoridade nesse campo. Não é por acaso que ainda hoje, professores(as) de Ciências e Biologia sejam vistos(as) como profissionais de referência nessa área, sendo muitas vezes, responsabilizados(as) pelo trabalho com o tema em seus componentes curriculares e também acionados(as) quando o assunto surge fora do contexto curricular. Esse entendimento permeia de tal forma o contexto escolar que há uma tendência à naturalização desse discurso; e os(as) professores(as), que em grande parte não se consideram “preparados(as)” para trabalhar com tal temática na escola, o fazem de acordo com o que lhes é esperado: ao reiterar a suposta indissociabilidade entre sexualidade, reprodução e processos patológicos, que atravessa e respalda outra estratégia discursiva: a da necessidade de preservação da moralidade e pureza sexual.

Nesse contexto, não é de se admirar que a Educação para a Sexualidade ainda seja desenvolvida sob a perspectiva de proteção e cuidado com o corpo. São dessa abordagem que se originam as principais preocupações ainda vigentes da educação para a sexualidade nas escolas: a gravidez dita precoce e as Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST). Tais receios, inclusive, são utilizados por muitos(as) educadores(as) na defesa de que as abordagens sobre sexualidade nas escolas sejam mais direcionadas, visando a redução dos índices de adolescentes grávidas e do contágio de jovens pelas ISTs. Argumento este que convence muitos(as) profissionais e boa parte das famílias (ALTMANN, 2003).

Entretanto, essa abordagem reducionista da sexualidade implica em algumas problemáticas. Nesse ínterim, inscrevem-se a constante [re]produção das pedagogias do medo que delimitam o que se pode e o que não se pode falar/fazer, amparadas na suposta imaturidade dos(as) adolescentes diante de suas próprias escolhas e que tem nutrido um silenciamento cada vez mais pungente no espaço escolar. Exemplo disso é como a escola lida com o prazer sexual,



que ao ser colocado em evidência, é imediatamente silenciado pelo discurso de “prazer a que preço?” Sustentando a ideia da vivência dos desejos sexuais enquanto passível de graves consequências punitivas. Discurso este, fortemente, marcado pela histórica moralidade cristã, especialmente, no que se refere às vivências sexuais dissidentes; e pela noção, amplamente difundida a partir do século XVIII, que toma a sexualidade como sendo, naturalmente, penetrada por processos patológicos (FOUCAULT, 1988).

Os problemas descritos acima corroboram ainda para reforçar determinados preconceitos e estigmas, a exemplo das construções discursivas em torno do Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) e da síndrome da imunodeficiência adquirida (aids) por ocasião de seu surgimento e que perduram até hoje. A partir desse contexto, o trabalho pedagógico em sexualidade realizado nas escolas, sobretudo nas aulas de Ciências e Biologia, se restringiu, muitas vezes, à descrição do HIV, bem como, sua fisiopatologia, formas de transmissão e estratégias preventivas. Ao mesmo tempo, instaurou-se um pânico generalizado em torno do contágio da aids, ao compreendê-la como um mal a ser evitado e se declarando guerra ao vírus (PELÚCIO; MISKOLCI, 2009). Com isso, pessoas que contraíam o vírus eram, e continuam sendo em muitos aspectos, discriminadas, estigmatizadas e invisibilizadas.

A fim de investigar os discursos sobre a aids e suas possíveis relações com morte, castigo e culpa, Abud e Teive (2014) realizaram uma pesquisa com 16 livros didáticos de Ciências dos anos finais do ensino fundamental editados entre os anos de 2000 e 2011 utilizados por escolas municipais de Florianópolis-SC. As autoras perceberam que alguns livros didáticos traziam imagens de corpos de pessoas vivendo com HIV marcados por perda de peso, manchas no corpo, queda de cabelo e entre outros sinais; havia frases de efeito que reiteravam a síndrome como incurável e já anunciavam a morte de quem vivia com o HIV, uma morte marcada sempre por muita dor e sofrimento; em alguns dos livros havia também uma responsabilização das mulheres pelo maior controle da aids; os compêndios didáticos também reiteravam um sentimento de pavor em relação ao HIV e às pessoas que vivem com a aids e, por outro lado, os livros escolares silenciavam sobre o tratamento da aids e a qualidade de vida dessas pessoas.

Nesse sentido, assumimos nesse trabalho a sigla “aids” em letras minúsculas, a partir de um posicionamento crítico que questiona e problematiza o pânico criado em torno da síndrome e que legitimou muitos estigmas. Assim, compreendemos que o termo corresponde a um substantivo comum que designa uma IST, como tantas outras que não tem suas grafias utilizadas em letras maiúsculas, a exemplo da sífilis e da gonorreia. A Comissão Nacional de IST, HIV/Aids e Hepatites Virais (CNAIDS) do Ministério da Saúde (MS), partindo do mesmo entendimento, também recomenda a utilização de letras minúsculas, sendo preconizada a utilização da primeira letra maiúscula apenas quando o termo fizer parte de títulos ou da identificação de algum órgão/entidade, como no caso da própria comissão. Concordando com tais entendimentos, defendemos que pensar em como as palavras nos constituem e, por muitas vezes, fomentam atitudes discriminatórias, pode ser um passo importante na problematização da aids e dos sentidos [re]produzidos sobre e a partir dela na sociedade.



Sobre essa cultura do medo construída em torno da aids, muitas vezes entendida como um castigo em decorrência da vivência do prazer desmedido e impróprio, [re]produzida nas escolas e que mina as possibilidades de debates comprometidos com a promoção da saúde sexual nesses espaços, Bastos (2020, p. 213) afirma ter relação com

uma onda de conservadorismos que produzem condutas moralizantes da sexualidade e da saúde experimentada pelos corpos, bem como uma pedagogia cultural que aparentemente busca estabelecer a diferença entre o permitido e o proibido, gerando mecanismos de exclusão social e inviabilizando práticas formativas, seja nas escolas, nos museus de arte ou em campanhas da área da saúde.

Nesse sentido, Meyer, Klein e Andrade (2007) questionam o potencial preventivo de estratégias que pautam a sexualidade no discurso de doença, perigo e culpa, uma vez que, acreditam que esse enfoque pode representar um elemento a mais de produção de vulnerabilidade para os(as) escolares, além disso, pode corroborar com a [re]produção de preconceitos e atitudes discriminatórias.

Dentre os estigmas existentes em relação às pessoas que vivem com HIV/aids, as suas experiências afetivo-sexuais têm ocupado lugar de destaque, especialmente, quando os(as) envolvidos(as) são sorodiscordantes. A culpa e o medo fazem parte da realidade cotidiana daqueles(as) que assumem viver com o HIV, mas também de estarem nesse “lugar” de vivência afetiva e sexual com pessoa que não vive com o vírus/doença. Apesar de a infecção pelo HIV ser encarada pela comunidade científica como uma doença crônica, cujos tratamentos com terapias antirretrovirais (Tarv) e outras tecnologias têm tornado possível o aumento da expectativa e da qualidade de vida de quem vive com ela (BRASIL, 2018); muito do que é [re]produzido atualmente, ainda é fundamentado em uma visão estereotipada da aids, decorrentes das marcas de sua produção histórico-cultural. Nesse sentido, é preciso voltar nossos olhares para a escola e problematizar as construções discursivas sobre o tema que estão sendo postas em movimento nesses espaços.

Promover a identificação da escola enquanto lugar de respeito às diferenças requer colocar sob suspeita o processo de ensino-aprendizagem sobre sexualidade, desenvolvido nesse ambiente. Nesse sentido, buscando pensar sobre essas possibilidades, nos questionamos: como discutir sobre as possibilidades das relações afetivo-sexuais entre pessoas sorodiscordantes em espaços profundamente marcados pelo medo e pela culpa diante da vivência da sexualidade e do prazer sexual? De que forma as professoras formadas em Ciências e Biologia e que ensinam sexualidade nas escolas podem contribuir para [des]construção do discurso segregatório, excludente e preconceituoso que a educação para a sexualidade, quando limitada aos aspectos patológicos, pode fomentar nessas relações?



O presente estudo se debruça sobre essas questões tomando como ponto de partida os discursos sobre sexualidade e saúde construídos por professoras da área de Ciências da Natureza que lecionam a disciplina Educação para a Sexualidade. Tais produções discursivas, quando problematizadas, podem se constituir enquanto potentes na [re]reconstrução de saberes e práticas nesse campo. Assim, destacamos como objetivo dessa pesquisa: analisar os discursos sobre as relações afetivo-sexuais entre casais sorodiscordantes, produzidos por professoras de uma escola dos anos finais do ensino fundamental da área urbana de Jequié-BA, durante um processo formativo.

## 2 Percorso metodológico

Nesta pesquisa, utilizamos as perspectivas pós-crítica e pós-estruturalistas para trabalhar com os regimes de verdade acionados a partir da produção discursiva de professoras em torno das relações afetivo-sexuais entre casais sorodiscordantes. Nesse sentido, assumimos aqui a existência de “verdades”, assim no plural, por entendermos que elas são produzidas segundo regimes discursivos distintos como os dos saberes ou os das ciências (FOUCAULT, 1971). Nesse contexto, buscamos evitar fazer análises totalizantes e generalistas e investimos nos contextos específicos e nas parcialidades (MEYER; SOARES, 2005).

Assim, o tipo de pesquisa que inspira esse trabalho, nos possibilita pensar sobre as possíveis verdades sobre as quais tais discursos são produzidos e interrogá-las no âmbito da construção histórico-cultural de onde emergem, pois “tudo aquilo que estamos lendo, vendo, sentindo, escutando e analisando pode e deve ser interrogado e problematizado, porque podemos mostrar “como os discursos se tornaram verdadeiros”, quais foram as relações de poder travadas, quais estratégias foram usadas, que outros discursos foram excluídos para que estes pudessem ser autorizados e divulgados” (PARAÍSO, 2012, p. 30).

As problematizações que tecemos nesse estudo, são provenientes de um recorte de estudo maior, realizado durante o mestrado na área de Ensino de Ciências e Matemática, no qual desenvolvemos uma proposta formativa sobre gênero, sexualidade e saúde com professoras que lecionam o componente curricular “Educação para a Sexualidade” (EPS) em uma escola dos anos finais do Ensino Fundamental em Jequié, no interior da Bahia.

A escola selecionada para realização da proposta se localiza em um bairro próximo ao centro da cidade e atende estudantes deste bairro, de outros adjacentes e de mais cinco distritos municipais e oferece os anos finais do Ensino Fundamental (6º a 9º ano) e a modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA). Ela foi uma das três escolas da rede municipal de ensino, que participou do projeto piloto para implantação da disciplina supracitada, incentivada, na época, pelo GAPA-BA (Grupo de apoio à prevenção da aids), cujo objetivo era investir em estratégias de prevenção às IST/aids e à gravidez na adolescência (AZEVEDO; SOUZA, 2016). A disciplina de EPS foi implantada nesta e em outras escolas municipais desde sua aprovação pelo Conselho Municipal de Educação da cidade de Jequié-BA em 2004, como parte do núcleo



diversificado do currículo dos anos finais do Ensino Fundamental, passando a ser ofertada para os 8º e 9º anos e na Educação de Jovens e Adultos (EJA).

A seleção da escola se deu por diferentes motivos, quais sejam: o contato anterior da primeira autora deste artigo com a instituição por meio de outros projetos e por ser uma escola de porte médio em que poderia ser encontrado um número maior de professoras para participar do processo formativo. Nesta escola, havia três professoras que ministravam a disciplina e o interesse em desenvolver uma proposta formativa com elas se deu em virtude dos frequentes relatos por parte dessas e tantas outras docentes de que a formação inicial não favoreceu para que trabalhassem com as temáticas sobre sexualidade. Mesmo nos cursos de licenciatura em Ciências Biológicas, a ênfase era nos conhecimentos anatômico-fisiológicos pensados a partir de uma visão fixa, essencialista e determinista com pouca abordagem sobre os elementos socioculturais que produzem diferentes compreensões sobre o corpo, o gênero e a sexualidade. Além disso, ouvíamos queixas de vários(as) professores(as) de que não havia material didático disponível para se trabalhar com as questões da sexualidade, e por isso investimos nesta empreitada.

Elaboramos, nesse sentido, uma proposta formativa com duração de 120 horas que foi desenvolvida por meio de encontros presenciais quinzenais na escola, em horários compatíveis com a disponibilidade das professoras. Entre um encontro e outro, as professoras realizavam outras atividades individuais como leitura de textos, apreciação de materiais educativos sobre sexualidade e saúde e elaboração, desenvolvimento e avaliação de uma proposta de intervenção desenvolvida com as turmas de EPS dessas docentes.

Os momentos formativos foram planejados tendo como referência o saber da experiência discutido por Jorge Larrosa, que compreende a formação enquanto processo de mudança. Para Larrosa, aquilo que aprendemos só é efetivo se nos transforma; e para que isso ocorra é necessário ser tocado pelo processo formativo. Para o autor, é preciso se tornar sujeito da própria experiência. Ele questiona, nesse sentido, o entendimento de formação enquanto prescrição ou modelo rígido de processos para a construção de um padrão de docência e defende estratégias formativas mais livres e problematizadoras que estimulem a criatividade e a pluralidade (LARROSA, 2002, 2014).

Nesse contexto, cada momento formativo foi pensado e realizado tomando como elementos mediadores diversos materiais educativos relacionados à interface entre gênero, sexualidade e saúde como materiais educativos impressos (MEI), curtas-metragens, vídeos de campanha, histórias em quadrinhos, dentre outros. Esses materiais foram provenientes de diferentes instâncias, quais sejam: Ministério da Saúde (MS), Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), Ministério da Educação (ME) e Organizações Não Governamentais (ONGs) e foram utilizados tomando como premissa o seu potencial pedagógico e as suas possibilidades formativas enquanto artefato cultural, pois além



de ter uma circulação expressiva eles também possuem uma determinada pedagogia, desejando ensinar discursos e práticas relacionadas à sexualidade (SILVA; RIBEIRO, 2011).

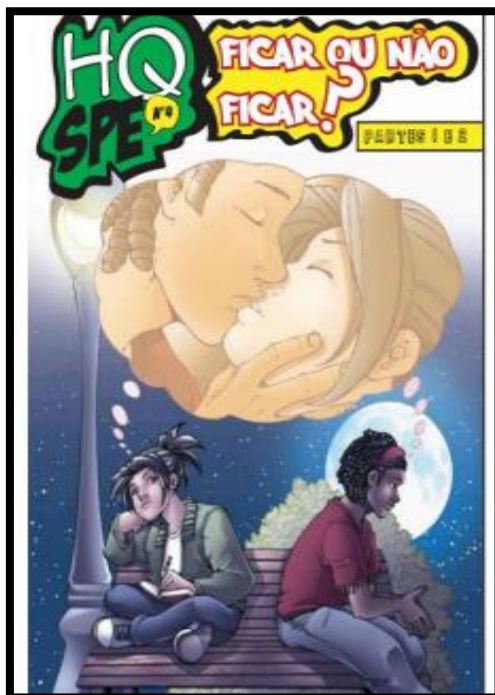
Esses artefatos trabalham a partir de um currículo cultural utilizando da fabricação e constituição de identidades para promover o que nomeiam de saúde sexual. Nessa constituição de identidades se inserem a inscrição dos gêneros (feminino e masculino) nos corpos, as possibilidades da sexualidade e das formas de expressar os desejos e prazeres. Tudo isso se dá no contexto de uma cultura, carregando as suas marcas e sendo composta e definida por relações sociais (LOURO, 2000), justificando, nesse estudo, a identificação de tais materiais como artefatos culturais.

Dentre os diferentes artefatos utilizados nos momentos formativos, destacamos uma série composta por seis revistas que se propõem a tratar diferentes temas relacionados aos anseios e dúvidas frequentes aos(as) adolescentes e jovens: as “Histórias em Quadrinhos do Projeto Saúde e Prevenção nas Escolas” (HQs – SPE). O projeto SPE é uma das ações do Programa Saúde na Escola (PSE), cuja proposta é realizar ações de promoção da saúde sexual e reprodutiva e de prevenção ao abuso de álcool e outras drogas por adolescentes e jovens, articulando os setores de saúde e de educação, representados pelas Unidades Básicas de Saúde (UBS) e pela escola, respectivamente.

A série HQ – SPE, publicadas no ano de 2010, compreende seis volumes de histórias em quadrinhos e um guia para orientar os(as) professores(as) em relação à utilização em sala de aula. As histórias são numeradas de 1 a 6 e tratam, respectivamente, e tratam das seguintes temáticas: orientação sexual e preconceito na escola; uso de preservativo e prevenção às ISTs; gravidez; relações afetivo-sexuais entre casais sorodiscordantes; prevenção ao abuso de drogas; e diversidade e inclusão.

Neste artigo, focaremos a leitura e discussão que as professoras fizeram da HQ de número 04, intitulada: “Ficar ou não ficar” (Figura 1). Ela contextualiza a história de Rafa, uma menina considerada bonita, inteligente e que vive com o HIV. Ela tenta esconder a sua condição dos colegas de escola e de seu amigo Guga, que por sua vez, sempre teve fama de garanhão, porém acaba se apaixonando por Rafa e, na tentativa de se aproximar dela, descobre o seu segredo.



**Figura 1:** Capa da história em quadrinhos “Ficar ou não ficar”

Fonte: <https://www.docsity.com/pt/hq-04-ficar-ou-nao-ficar-colecao-hq-spe-unesco-mec/4753312/>

A trama gira em torno do convívio de Rafa com um grupo de apoio a pessoas que vivem com HIV, tentando lidar com seus medos e anseios, ao mesmo tempo em que, busca ajudar àqueles(as) que estão na mesma condição. Nesse meio tempo, Guga lida com seus próprios medos e busca ajuda de um professor para tentar compreender o que fazer diante de seus sentimentos por Rafa, e este o incentiva a investir na relação sem preconceitos. Em síntese, a HQ n°4 problematiza os estereótipos relacionados ao HIV/aids e os preconceitos e discriminações com as relações afetivo-sexuais entre sorodiscordantes.

Tomando a problematização como eixo norteador dessa pesquisa e nos pautando em Foucault (2010) e Marshall (2008), compreendemos a ação de problematizar enquanto processo de repensar-se, questionar-se, desprender-se de si mesmo, estranhando aquilo que já sabemos, pondo em xeque as verdades naturalizadas e, neste caso, em especial, revendo como nós e as professoras entendemos o viver (termo que refere-se à pessoa com sorologia reigente) e o conviver (referindo-se à pessoa com sorologia não reigente que faz parte do círculo de convivência da pessoa com sorologia reigente) com o HIV/aids.

As falas das professoras durante o momento formativo mediado pela HQ n°4: “Ficar ou não ficar” foram gravadas em áudio, transcritas, categorizadas e analisadas de acordo com a Análise do Discurso, tomando a concepção de discurso em uma perspectiva foucaultiana, que compreende as diferentes formas de ver o mundo, interpretá-lo e falar sobre ele, enquanto moldadas pelas práticas discursivas (VEIGA-NETO, 2016).



### 3 Innana, Vênus e Afrodite: deusas do amor e do prazer/erotismo

As três professoras participantes dos momentos formativos são identificadas pelos pseudônimos de Innana, Vênus e Afrodite, deusas associadas ao amor, prazer/erotismo, beleza e fertilidade nas culturas suméria, romana e grega, respectivamente. Duas das professoras possuem formação inicial em Biologia e uma em Ciências com habilitação em Química, o que, segundo elas, motivou o direcionamento para assumir a disciplina de Educação para a Sexualidade na escola, ainda que, inicialmente, não fosse o desejo de nenhuma delas, justificado pela possível despreparo para lidar com tais questões.

O Quadro 01 sintetiza as características formativas e profissionais das docentes na educação e no contexto da EPS.

Por muitas vezes, durante os momentos formativos, a professora Innana, por ter menor tempo de atuação na disciplina, relatou apresentar mais dificuldades em lidar com alguns temas, atribuindo isso ao fato de não ter uma formação na área como Afrodite e Vênus, apesar de ter sido, muitas vezes, confrontada por Afrodite que discordava da ideia de formação na área de Biologia como requisito para o desenvolvimento de um bom trabalho com a educação para a sexualidade.

**Quadro 1:** Formação e atuação profissional das docentes.

<b>Professora</b>	<b>Formação inicial</b>	<b>Ano de formação</b>	<b>Pós-graduação</b>	<b>Tempo de atuação na disciplina</b>
<b>Afrodite</b>	Licenciada em Ciências Biológicas com habilitação em Biologia.	2002	Especialização na área de Biologia	10 anos
<b>Vênus</b>	Licenciada em Ciências Biológicas	1996	Especialização na área Biologia	05 anos
<b>Innana</b>	Licenciada em Ciências com habilitação em Química.	2002	Mestrado em Educação	02 anos

**Fonte:** Dados da pesquisa

Apesar das dificuldades, as professoras relataram que foram construindo gradativamente, afinidades com o componente curricular na medida em que utilizavam de suas experiências enquanto mulheres, mães e esposas na contextualização e condução dos conteúdos relativos à disciplina. A pesquisa de Suse Azevedo realizada com professores(as) da mesma disciplina EPS traz dados semelhantes, pois apesar de a maioria relatar que a indicação para a disciplina foi por causa de sua formação em Ciências Biológicas, o interesse e a curiosidade dos(as) estudantes os(as) fizeram gostar do trabalho que realizavam, contudo também



evidenciam a formação deficitária que continuam fazendo muita falta mesmo após anos de experiência (AZEVEDO, 2013).

#### 4 Discursos sobre as relações afetivo-sexuais entre sorodiscordantes

Apresentamos uma análise dos principais discursos construídos pelas professoras sobre o HIV e a aids, destacando as inquietações, incômodos, estigmas e alguns escapes durante o trabalho com o artefato cultural sobre relacionamentos afetivos entre pessoas sorodiscordantes.

Durante o momento formativo com a história em quadrinhos “Ficar ou não ficar”, as professoras ressaltaram que as pessoas minimizam a problemática atual do HIV/aids ao supervalorizarem o tratamento existente em detrimento da necessidade de prevenção. No entendimento de Vênus, o medo da morte foi mitigado em função de uma suposta banalização do vírus/doença.

*Hoje, com a existência de medicamentos, as pessoas não acreditam que se morra de aids. Então, eles acham que é uma coisa comum... Os adolescentes e jovens de hoje. Isso é próprio do brasileiro. O brasileiro tem isso: uma coisa que seria pra inibir, eles revertem para uma coisa positiva: - “ah, tem remédio, não morre mais não”. Risos (Vênus, VI encontro. Revista em quadrinhos – Ficar ou não ficar. **Grifos nossos**).*

Ao afirmar que, atualmente, os(as) jovens percebem a síndrome como algo comum, Vênus compreende que eles(as) assumem, conscientemente, o risco de adoecimento. Nesse sentido, pensamos que, talvez, o medo relatado pelas professoras diante dos riscos que uma relação entre sorodiscordantes pode representar para a pessoa que não vive com o vírus, tenha seus fundamentos nos discursos dessa suposta irracionalidade e leviandade daqueles(as) que vivem com o HIV, percebida no relato da professora. Pelúcio e Miscolci (2009) ponderam que tal discurso continua forte valendo-se da justificativa de que após anos de campanhas de prevenção não há explicação para que a contaminação ainda apresente índices tão significativos, sendo essa considerada uma evidência de irresponsabilidade individual.

Relacionando isso ao estigma que foi construído em torno da aids desde a época de seu surgimento, não é difícil entender por que o preconceito ainda ronda as pessoas que vivem com o vírus e suas relações afetivas e sexuais ainda causem desconfortos e reprovações. Assim, levando em consideração que o HIV não tem apenas uma “história natural”, sendo marcado por fatores políticos, econômicos e sociais (GALVÃO, 2000), consideramos relevante pensar a realidade atual enquanto reflexo do imaginário que foi construído em torno da figura do(a), então chamado aidético(a), por ocasião do início da epidemia.

Gunther (2013) corrobora com esse pensamento ao discutir sobre o duplo sofrimento que as pessoas que vivem com o HIV/aids lidam historicamente: o primeiro gerado pelo diagnóstico e o segundo relacionado ao preconceito e à discriminação recorrentes. De acordo com o autor, é como viver com duas doenças, o que acentua ainda mais a vitimização dessas



pessoas. Na fala de Innana é possível perceber como esse processo discriminatório adquire, por vezes, um aspecto velado que busca subterfúgios para justificar a não concordância com as relações entre sorodiferentes, sem que isso conote uma atitude de discriminação:

*É uma questão que parece que é normal conviver com uma pessoa que tem HIV. Não é que não seja normal conviver, mas, é a questão dos riscos... todas aquelas questões que o portador de HIV passa. Porque a pessoa que é soropositiva não pode ter o mesmo convívio social de uma forma assim: estar indo pra balada, perdendo noite, bebendo bebidas alcoólicas. **Então, elas têm que ter uma vida mais regrada por conta do cuidado que ela tem que ter com seu organismo.** É essa a questão que eu acho que ele (o material educativo) não coloca, porque uma pessoa sendo soropositiva ela não vai ter o mesmo mecanismo de defesa de uma pessoa que não é. Então, ela tem que se cuidar mais pela questão da saúde. **Aí eu pergunto assim: até que ponto essa outra pessoa que está convivendo com um soropositivo ela seria capaz de compreender isso? E a pessoa soropositiva vai compreender que a pessoa pode e ele não pode e aceitar normalmente? Isso, na cabeça de um adolescente, não cabe** (Innana, VI encontro. Revista em quadrinhos – Ficar ou não ficar. **Grifos nossos**).*

A professora Innana, que inicialmente, relatou não ser ainda capaz de “aconselhar” seus(suas) alunos(as) a se relacionarem com uma pessoa vivendo com o HIV, denotando apresentar resistência a essa possível relação, na medida em que apelava para os riscos que ela ofereceria ao(à) parceiro(a), também buscou justificar seu posicionamento contra as relações entre sorodiferentes alegando preocupação com as crises e divergências que poderiam ser frequentes devido ao que considera como limitações físicas em relação à vida social, justificadas pela dita fragilidade biológica provocada pelo vírus e pelo tratamento.

Nesse sentido, ela questiona o limite de compreensão e aceitação do(a) parceiro(a) e, ao fazer isso, evoca novamente a posição estigmatizada a que são submetidas essas pessoas. Nessa perspectiva, quem vivem com o HIV ocupa um “não lugar” marcado pela perda, angústia, solidão e, em uma relação afetivo-sexual, são vistas como dependentes da compaixão dos(as) parceiro(as) (PASSARELLI, 2002), como se as pessoas que não vivem com o vírus não fossem capazes de estar por muito tempo em uma relação que, no imaginário social, é marcada por mais perdas do que ganhos. E são nesses moldes que a “soropositividade”, enquanto algo a não ser dito e invisibilizado, é construída.

Para entender como se dava a relação afetiva e sexual, sobretudo as questões de desejo, atração e amor, de 13 (treze) casais heterossexuais sorodiscordantes, Maksud (2009) os entrevistou, individualmente. Ela constatou que a revelação da soropositividade é uma tensão, pois não se sabe ao certo como o(a) parceiro(a) que tem sorologia não reagente vai lidar com a situação, inclusive porque, em geral, quando isso acontece há uma tendência à diminuição dos beijos, carícias e relações sexuais. Essa mesma pesquisa evidenciou que o sexo vaginal foi considerado a prática preferida e mais realizada pelos casais sorodiferentes que, muitas vezes,



o faziam sem o uso do preservativo; por outro lado, o sexo anal e oral foram menos praticados com argumentos associados a ideia de um sexo impuro e de maior risco de infecção pelo HIV.

Nesse sentido, compreendemos que há um discurso biomédico desatualizado sobre as tecnologias de prevenção e tratamento do HIV que insiste em [re]produzir equívocos, no sentido de classificar a relação afetiva e sexual entre casais sorodiscordantes como de maior risco e esse discurso ainda influencia a maneira como as relações entre sorodiferentes são compreendidas. Um desses efeitos é olhar negativamente, para o(a) parceiro(a) que vive com o vírus como alguém que pode infectar o(a) outro(a), reiterando o estigma produzido em torno dessas pessoas, por outro lado, o(a) parceiro(a) que não vive com o HIV é entendido como aquele(a) que deve ser mais alertado(a) e protegido(a). Este foco na não infecção das pessoas é algo muito priorizado pelo discurso biomédico nas conjugalidades que envolvem a questão da aids (MASKSUD, 2009), apesar de estudos como o de Kalichman, et al. (2008) já o contestarem ao evidenciar que, entre casais sorodiscordantes, onde o(a) parceiro(a) que vive com o vírus adere adequadamente, às condições de tratamento, ele(a) passa a apresentar sorologia indetectável e que isso faz com que o vírus não seja transmitido nas relações sexuais.

Retomando a análise da fala de Innana, a forma meio desconcertada com que ela justificou sua opinião, bem como, a pouca segurança diante do que disse, como se procurasse justificativas para algo com que ela ainda não sabe lidar, nos levou a realizar algumas problematizações. Perguntamos quantas doenças crônicas ela conhecia que impunham limitações semelhantes às pessoas que vivem com o HIV e se essas pessoas são comumente questionadas em relação aos seus relacionamentos com pessoas que não as possuem. Ao responder que tinha conhecimento de muitas outras doenças, cujas limitações são ainda maiores, e que nunca serviram de motivação para gerar questionamentos sobre seus relacionamentos afetivos, ela admite:

*Eu nunca vivenciei isso na prática então... eu não sei. Assim, eu já conversei com pessoas soropositivas e tal. Já abracei pessoas soropositivas... e mesmo sabendo quais são as formas que eu poderia pegar o vírus, eu acho que ainda dentro de mim essa situação não está totalmente resolvida. **Eu atribuo isso a questão da falta de informação, de convivência, de leituras. Eu acredito que seja isso[...]** Eu acho que tem muito a ver com a questão da cultura a qual eu fui submetida. É um tema bastante polêmico que, embora já exista há bastante tempo, a informação ainda não superou o preconceito. **Acho que a questão do preconceito dentro de mim que ainda não está bem resolvida** (Innana, VI encontro. Revista em quadrinhos – Ficar ou não ficar. **Grifos meus**).*

Innana reconhece suas limitações diante do tema. Relata não ter segurança para falar com seus(suas) alunos(as) sobre relacionamentos afetivos-sexuais entre pessoas sorodiscordantes por também não saber lidar muito bem com esse tipo de relação. Atribui a sua forma de pensar a diversos fatores como a falta de informação, de convivência e de leituras, mas ao final de sua fala faz referência à cultura a que foi submetida como um fator de impacto na construção de sua postura e de seus discursos sobre o assunto. Por fim, parece compreender



que a falta de informação aliada ao fator cultural seja responsável pelo preconceito que diz ainda ter em relação à vivência com pessoas soropositivas.

Encontramos respaldo para a percepção da professora no trabalho de Souto et al. (2009) ao afirmarem que pouco se sabe sobre as experiências sexuais e as adaptações das pessoas que vivem com o vírus/doença. Segundo eles(as), isso se deve, especialmente, ao fato de os primeiros estudos com essas pessoas terem sido realizados buscando compreender os fatores associados com prática de sexo sem algum tipo de tecnologia de prevenção e avaliar a eficácia das intervenções cujo foco era o comportamento e não as pessoas em seus contextos socioculturais, políticos e afetivos-sexuais. Isso nos levou a compreender os ditos de Innana ao relatar que mesmo sabendo as formas de infecção, a situação ainda não estava bem resolvida para ela.

Ao citar fatores culturais como também responsáveis pela dificuldade em lidar com relações afetivo-sexuais entre sorodiscordantes, Innana nos leva pensar sobre a reflexão de Veiga-Neto ao analisar as obras de Foucault. Ele aponta que uma das contribuições do filósofo foi pensar o sujeito moderno(a) enquanto produzido(a) no interior dos saberes por meio de relações de poder. E o poder atua de forma a levar quem recebe a sua ação a aceitá-la de maneira natural e não questionável como se tivesse que ser dessa forma por que sempre foi assim (VEIGA-NETO, 2016). Mas, analisando a história na mesma perspectiva foucaultiana é possível perceber que não há naturalidade nesse discurso, pois como afirma Deleuze (1991, p. 72): “a verdade é inseparável do processo que a estabelece”.

A existência de dúvidas e inseguranças, por parte das professoras, sobre as formas de transmissão do vírus foram aspectos que pudemos observar durante os momentos formativos e nas intervenções em sala de aula. Pensando sobre isso, desconfiamos que as experiências sexuais das pessoas que vivem com o HIV/aids sejam tão ignoradas pelas professoras quanto pelos(as) estudantes.

No entanto, apesar das diversas dúvidas apresentadas por Inanna, Afrodite e Vênus e das dificuldades relatadas no trabalho com o tema em suas aulas, Afrodite se mostrou mais à vontade ao falar sobre as relações entre sorodiscordantes, bem como, em abordar o tema em sala de aula. Na fala da professora, é possível encontrar escapes do medo e dos preconceitos e ainda a defesa da necessidade de promoção dessas discussões com os(as) alunos(as).



*Não tem por que evitar relações com pessoas soropositivas. Pode namorar uma pessoa que tem aids com uma pessoa que não tem. Tendo o cuidado devido pode ter uma relação normal. Aí é bom a gente fazer essa discussão pra gente não discriminar pessoas soropositivas. Porque eles não falam. Nem para os amigos eles falam. Esconde de todo mundo porque eles têm medo da reação das pessoas que ficam apavoradas. Até em sala de aula os meninos ainda perguntam: “oh professora, beijar pega AIDS?” Por mais que a gente fale, parece que tem uma incredibilidade. Eles não acreditam na gente. A gente dá uma aula todinha sobre aquilo e eles ainda perguntam: “oh pró, e no vaso sanitário pega aids?” Não é tanto o preconceito... é medo! Eles têm medo. Eles acham que vão pegar em qualquer toalha (Afrodite, VI encontro. Revista em quadrinhos – ficar ou não ficar. **Grifos meus**).*

Afrodite não apenas se coloca a favor das relações afetivo-sexuais entre sorodiferentes, como também demonstra se preocupar com a discriminação que gera sofrimento e silenciamento das pessoas que se encontram nesse contexto de relação. O medo do qual esses casais são reféns diariamente, incomoda a professora que se angustia com a dificuldade em vencer a barreira da ignorância e do medo tão evidente nos questionamentos de seus(as) alunos(as).

Sobre esse medo que gera silenciamento, Albuquerque (2014) corrobora com o pensamento de Afrodite ao afirmar que o sigilo é uma estratégia de fuga muito utilizada por casais sorodiscordantes na tentativa de evitar o preconceito e a discriminação, inclusive, de amigos(as) e familiares. Nesse contexto, o(a) parceiro(a) também sofre na figura de alguém que se envolve com uma pessoa que vive com o vírus e, portanto, há uma tendência a ser considerado(a) tão inconsequente quanto ele(a).

Tal discurso de irresponsabilidade não deveria ter tanta representatividade atualmente tendo em vista as mudanças socioculturais que culminaram na necessidade de substituição da noção de riscos pela perspectiva da vulnerabilidade ao HIV/aids. Percebemos com isso, que apesar dos esforços empregados em se estabelecer uma nova compreensão a respeito da disseminação do vírus, continuamos a tratá-lo, quase que exclusivamente, sob um viés comportamental que acaba justificando possíveis preconceitos como o que Innana disse ainda não ter resolvido muito bem com ela própria.

## **5 O que a pesquisa nos apontou? Que outras questões permanecem?**

Com essa pesquisa foi possível perceber uma linha tênue entre ignorância, medo, discriminação e preconceito presente nos discursos das professoras referentes às relações afetivo-sexuais entre casais sorodiscordantes. Durante o momento formativo, Innana e Vênus utilizaram de subterfúgios para justificar a reprovação a tais relacionamentos, evidenciando preconceitos e receios velados, que foram admitidos por Innana em determinado momento do processo formativo. Vislumbramos, nesse contexto, a tentativa de fuga da professora na busca por maior compreensão e respeito às diferenças, a partir da problematização de seu próprio discurso.



É importante destacar que, mesmo ocupando um lugar social e institucionalmente, autorizado a falar sobre sexualidade na escola, enquanto professoras de Ciências e Biologia, Inanna, Afrodite e Vênus não se sentem preparadas para exercer esse papel, o que faz com que suas experiências como mães, mulheres, esposas e religiosas direcionem os processos e ensino sobre sexualidade, desenvolvido em suas salas de aulas. Possíveis reflexos disto podem ser observados em algumas posturas e discursos das professoras, inclusive, quando o assunto é a relação afetiva e sexual entre pessoas sorodiferentes. Nesse sentido, elas destacam a carência e desejo por processos formativos, como o realizado, que possam construir situações de problematização sobre as “verdades” construídas em torno da sexualidade.

Afrodite reitera esse desejo ao afirmar que formações como a realizada são importantes no combate à discriminação e ao preconceito com as relações entre sorodiscordantes. Ela transgride o discurso em relação ao receio compartilhado pelas demais ao relatar concordar com tais relações afetivas-sexuais e defender que não há motivos para evitá-las, apesar das dificuldades que diz enfrentar na sala de aula nas frequentes tentativas de problematização do estigma relacionado às pessoas que vivem com HIV/aids e suas relações afetivas e sexuais.

Apesar de a HQ ter se mostrado relevante na problematização dos discursos das professoras, possibilitando o exercício de [re]pensar suas concepções e estigmas em relação à sorodiscordância de casais ao HIV, consideramos pertinente refletir sobre algumas questões que ainda permanecem e, cuja investigação, sozinha não consegue dar conta, por exemplo: como esse e outros materiais educativos podem ser revisitados pelas professoras no exercício de sua prática docente, a partir da experiência formativa? O que motiva e de que forma as professoras podem confrontar o silenciamento escolar em torno das vivências da sexualidade de pessoas soropositivas e de casais sorodiscordantes no contexto da disciplina EPS e no ensino de Ciências e Biologia? E de que forma é possível ressignificar as estratégias educativas sobre HIV/aids, tendo em vista os avanços das tecnologias preventivas e terapêuticas que culminaram no seu atual reconhecimento enquanto condição crônica e que descontrói a ideia de sofrimento e morte iminente, associados ao vírus/doença?

## Referências

ABUD, C. C. R.; TEIVE, G. M. G. Sexualidades reguladas: a “gramática do terror” nos livros didáticos de ciências do 6º ao 9º ano das escolas municipais de Florianópolis (2000 a 2011). **Revista CAMINE: Caminhos da Educação**, Franca, v. 6, n. 2, p. 107-128, 2014.

ALBUQUERQUE, J. R. "Até que a morte nos separe": o casamento sorodiferentes para o HIV/Aids e seus desdobramentos. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.

ALTMANN, H. Orientação sexual em uma escola: recortes de corpos e de gênero. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 21, p. 281-315, 2003.



AZEVEDO, S. M. M. M. **Estudo investigativo da disciplina Educação para a Sexualidade em escolas da rede municipal de Jequié-BA**. 144f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Jequié- BA, 2013.

AZEVEDO, S. M. M. M.; SOUZA, M. L. O ensino da sexualidade em um componente curricular específico: regulações e escapes. **Ensino em Re-Vista**, Uberlândia, MG, v.23, n.2, p.367-386, jul./dez./2016.

BASTOS, V. C. Educação em saúde menor: análise de uma proposta de experimentação diante a epidemia de HIV e AIDS In: FALEIRO, W.; SANTOS, S.P.; SANGALLI, A. (Org.) **Ciências da natureza para a diversidade**. Goiânia: Kelps, 2020.

BRASIL. **Protocolo clínico e diretrizes terapêuticas para o manejo da infecção pelo HIV em adultos**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2018.

DELEUZE, G. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola. 1971.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade II: o uso dos prazeres**. 13 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2010.

GALVÃO, J. **AIDS no Brasil: a agenda de construção de uma epidemia**. Rio de Janeiro; ABIA, 2000.

GUNTHER, L. E. O HIV e a aids: preconceito, discriminação e estigma no trabalho. **Revista Jurídica**, v.1, n.30, 398-428, 2013.

KALICHMAN, S.C. et al. Human immunodeficiency virus load in blood plasma and semen: review and implications of empirical findings. **Sexually Transmitted Diseases** n.35, 55-60, 2008.

LARROSA, J. Literatura, experiência e formação. In: COSTA, M. V. (Org.). **Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação**. 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 129-156.

LARROSA, J. **Tremores: Escritos sobre a experiência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

LOURO, G. L. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MARSHALL, J. Michel Foucault: pesquisa educacional como problematização. In: PETERS, M. A.; BESLEY, T. (Org.). **Porque Foucault?** Novas diretrizes para a pesquisa educacional. Porto Alegre: Artmed, 2008.





- MAKSUD, I. O discurso da prevenção da Aids frente às lógicas sexuais de casais sorodiscordantes: sobre normas e práticas. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, p. 349-369, 2009.
- MEYER, D. E. E.; KLEIN, C.; ANDRADE, S. S. Sexualidade, prazeres e vulnerabilidade: implicações educativas. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 46, p. 219-239, 2007.
- MEYER, D. E.; SOARES, R. de F. R. Modos de ver e se movimentar pelos “caminhos” da pesquisa pós-estruturalista em Educação: o que podemos aprender com - e a partir de - um filme. In: Costa, M. V; BUJES, M. I. E. (Org.). **Caminhos investigativos III: riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - & MEC - Ministério da Educação. **HQ SPE N° 4: ficar ou não ficar? Partes 1 e 2**. Brasília: DF, 2010.
- PARAÍSO, M. A. Metodologias das pesquisas pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. In: MEYER, D. E.; PARAÍSO, M. A. (Org.) **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza, 2012.
- PASSARELLI, C. A. F. Imagens da sorodiscordância. In: MAKSUD, Í.; TERTO JR., V.; PIMENTA, M. C.; PARKER, R. G. (Org.). **Conjugalidade e aids: a questão da sorodiscordância e os serviços de saúde**. Rio de Janeiro: ABIA, 2002, p. 45-47.
- PELÚCIO, L.; MISKOLCI, R. A prevenção do desvio: o dispositivo da aids e a repatologização das sexualidades dissidentes. *Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana*, n. 1, Rio de Janeiro: CLAM-UERJ, 2009.
- SILVA, B. O.; RIBEIRO, P. R. C. Sexualidade na sala de aula: tecendo aprendizagens a partir de um artefato pedagógico. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 521-533, ago., 2011.
- SOUTO, B. G. A.; KIYOTA, L. S.; BATALINE, M. P.; BORGES, M. F.; KORKISCHO, N.; CARVALHO, S. B. B. O sexo e a sexualidade de portadores do vírus da imunodeficiência humana. **Rev. Bras. Clin. Med.**, v. 7, n. 1, 2009.
- VEIGA-NETO, A. **Foucault e a Educação**. 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

Recebido em março de 2021.

Aprovado em maio de 2021.

Revisão gramatical realizada por: Antônio Carlos Brito Júnior.  
E-mail: [antoniocarlosjunior7105@gmail.com](mailto:antoniocarlosjunior7105@gmail.com)

